



"COLONIZAÇÃO E DEPENDÊNCIA

O Painel foi encomendado ao artista Clécio Penedo e teve como objetivo mostrar a visão de um artista contemporâneo sobre o processo histórico aproximando-o da proposta conceitual da exposição. Feito numa linguagem contemporânea seria capaz de, a partir de símbolos atuais, problematizar, despertar a reflexão, a perplexidade no visitante, no momento em que ele iniciasse a visita.

Um diálogo do ontem e do hoje, com perspectivas para o futuro, na medida que a visão do artista sempre está além de seu tempo.

A escolha do nome de Clécio Penedo deveu-se ao fato de o mesmo já vir desenvolvendo trabalho cuja temática era a visão crítica de determinados momentos políticos, personagens da história ou temas de interesse nacional como o índio.

A série intitulada **Re-tratos**, exposta no Museu Histórico Nacional em 1985 demonstrou todo o seu potencial analítico e sua extrema comunicabilidade com o público de forma geral.

A pesquisa histórica foi fornecida ao artista, assim como referências bibliográficas; durante toda a execução do painel foi permanente o nosso diálogo em torno da temática abordada, dos símbolos e figuras escolhidas.

O painel é um tríptico abordando na primeira parte: A formação do Estado Nacional, A Expansão Marítima, Descoberta da América.

Na segunda parte: O Sistema Colonial, Riquezas da Colônia, A mão-de-obra escrava.

A Terceira parte: A crise do sistema colonial, o processo de independência, a manutenção de dependência, as perspectivas para o futuro.

O painel todo se assemelha a um grande quebra-cabeças ou a um jogo de memória, que pode ser montado de acordo com o interesse e conhecimento do (espectador) visitante, facilitando um ir e vir na leitura que proporciona melhor observação do processo histórico de causa e efeito.

São relações entre ontem e hoje, associações sutis que mais despertam que explicam o tema da exposição **Colonização e Dependência**.

Na primeira parte o retrato do Infante D. Henrique, a silhueta da caravela e a bússola sugerem a importância do conhecimento português na arte de navegar que possibilitou a primazia na expansão marítima. **O Tratado de Tordesilhas** seguindo em dois pequenos trechos, e associado à Mitra Papal, lembra a partilha do Novo Mundo entre Portugueses e Espanhóis através da autoridade da Igreja (**O Testamento de Adão**).

O escudo do Vasco da Gama, ironicamente somado ao escudo Português, remete ao grande navegador e traduz o significado de um emblema, como o das quinas de Portugal.

O rei, de cartas, que com uma das mãos sustenta a espada e com a outra a cruz, abre a reflexão para a figura do rei absoluto, e as forças que o sustentam. No momento do Estado Nacional emergente qual será realmente o valor ou o papel do Rei? Será um rei de verdade ou um rei de fantasia, como o nosso Clovis, rei do Carnaval?

O retrato de Clovis Bornay é uma alusão a seu papel no Carnaval e uma homenagem ao seu passado no Museu; (técnico por mais de 40 anos) .

Os quatro naipes que aparecem por três vezes simbolizam as forças e os interesses envolvidos no jogo. O processo de colonização como um jogo de poder. A figura da raposa associada à bandeira inglesa também é uma constante, ora em destaque, ora em detalhe, sempre espreitando e aguardando a melhor oportunidade para atacar. Simboliza a presença da Inglaterra na América Latina, sempre interessada e participante, embora que de forma indireta, através das metrópoles até a Independência das Colônias, e diretamente daí por diante.

O Cabral é representado por algumas das letras de seu nome e pela cabra existente em seu escudo de armas. Perto dela o primeiro escudo da Terra do Brasil.

O pau Brasil aparece no escudo e nas raízes e parte do tronco na extremidade inferior do painel. No centro do painel o Índio majestoso retrata o dono da terra. A associação do coração de Jesus traz a reflexão sobre a catequese e a necessidade de cristianizá-lo para que se tornasse humano. A mão que abençoa estende a cruz da ordem de Cristo, que, junto com o Estado Português, muito investirá na expansão e conquista das novas terras.

Brasil - Terra de Santa Cruz.

O Capitão América, super herói mais conhecido do que o navegador Américo Vespúcio, que deu nome ao continente, entra no quadro como o novo colonizador.

O rodapé critica de forma dura e sutil o processo de aculturação, as bananas, alimento natural, serão pouco a pouco transformado em salsichas, num processo de metamorfose lenta.

Uma lata de inseticida, inocente à primeira vista, esconde um enorme simbolismo das atividades parasitórias dos exploradores portugueses e franceses, chamados entre os índios de MAIR (franceses) e PERÓ (portugueses).

A parte central do painel concentra o sentido da colonização - A colônia de exploração. A grande lavoura da cana, a utilização do braço escravo. O sincretismo religioso merece referência nas figuras associadas do Muiraquitã (dos índios), de Exú (da mitologia africana) e de São Jorge (o santo católico) - O paraíso do ILÊ-AIÊ não conta com os anjos da Igreja, mas é o reino da liberdade desejada em Palmares.

O centro do painel é denominado pelo olhar perplexo de Pelé, como que perguntando qual o seu papel. Sob seu rosto a mão negra descarnada, num gesto de apelo, retrata duramente a escravidão. Ao seu lado dois guerreiros: Zumbi, o lendário negro imortal, e Raoni, o valente chefe txucarramãe dos dias atuais.

O artista brinca com as palavras bandeira e caveira. Associando-as ao símbolo do Fantasma Voador, herói da história de quadrinhos, que tem na África e na selva seu espaço de atuação. Questiona, deste modo, o real sentido das Bandeiras.

Outro jogo de palavras aparece com GOD-GOLD, fazendo uma espécie de esconderijo para as atividades da matreira raposa.

Os degraus ensanguentados lembram os primeiros mártires que se levantaram contra o sistema colonial, principalmente na região das Minas.

As cobras que se comem denunciam a ação canibalesca que envolve a luta pelo poder. É o senhor e o escravo, o forte e o fraco, o colono e o colonizador.

A terceira parte do painel fala do processo de Independência. O ouro do Brasil irá financiar a revolução Industrial inglesa. As engrenagens e o tear inglês (Weaving Cotton) - sugerem esta interligação e dependência. O TAMEN da Inconfidência Mineira traz no T o símbolo da força. É o símbolo da grande conjura contra a

metrópole de um sistema colonial em extinção.

O café aparece em grãos que valem tanto quanto o ouro, o ouro das moedas portuguesas, do início do século XIX - 1805, durante o reinado do príncipe regente D. João, do Banco do Brasil ou do Chase Manhattan.

A sombra de Napoleão e as cores da bandeira francesa lembram a transferência da Corte de Portugal para o Brasil, tão decisiva no processo de independência, que se faria via monarquia constitucional.

A terceira grande figura do painel - D. Pedro I - representa o branco, o reinol, que, embora falando um discurso nacionalista, tem pensamentos portugueses, ou ligados aos interesses metropolitanos. Nos três momentos - índio, negro e branco - as figuras representam heróis de fácil reconhecimento para o público, mas de possível reflexão quanto à representatividade diante do processo de formação da consciência nacional.

Já as duas mulheres, Maria, Maria - uma escrava anônima, outra, guerreira Maria Quitéria, heroína da Guerra da Independência da Bahia - 1824-1825 - lembram o papel da mulher na construção da nação.

Da antiga nobreza restou as imagens que, hoje, as escolas de samba mostram através de seus mestres salas e portas bandeiras. É o povo brasileiro que surge

É no poeta que o pintor vai buscar o profeta e o arauto da possibilidade de um amanhã. Assim, Caetano Veloso, olhar no futuro, canta:

"A moeda número um do tio Patinhas  
 não é minha  
 um batalhão de cowboys barra a estrada  
 da legião dos super-heróis  
 e eu superbacana  
 vou sonhando  
 até explodir colorido  
 no sol nos cinco sentidos  
 nada no bolso ou nas mãos"

O escudo do Flamengo - associado ao escudo norte americano, sugere novas dependências - é o contraponto das quinas portuguesas associadas ao escudo do Vasco da Gama.

Finalmente, as garras da águia<sup>x</sup>, pousadas num tronco seco, provavelmente de Pau Brasil, enraizado do primeiro painel, falam do preço e da duração da dependência externa, desdobramento da Colonização da América Latina.

Stange